

FIAMINGHI EXPÕE TELAS DE CORES IMPRESSIONISTAS

Lisette Lagnado

Hermelindo Fiaminghi, 70, iniciou sua carreira como artista gráfico. Teve uma agência de publicidade há cerca de 25 anos. Não gosta de falar muito a respeito, nem de misturar suas atividades de ex-publicitário com seu ofício de pintor.

Mas na prática, trouxe a idéia das retículas gráficas para a pintura. Desde então, a mancha rabiscada de um Fiaminghi virou um signo de seu vocabulário formal, da mesma forma que, durante anos, a bandeirinha caracterizou as composições de Volpi.

A exposição de pinturas que inaugura hoje na Montesanti Roesler recupera alguns conceitos da arte concreta – movimento que consagrou Fiaminghi na década de 50. Em 1959, o artista rompeu com o grupo concreto de São Paulo porque discordava da rigidez de seu programa.

Previsível. Os críticos da época já haviam reconhecido a vocação colorista desse pintor que agora usa tons de rosa, laranja, verde e violeta sem a menor cerimônia. Tal atitude seria uma heresia. Os concretos preferiam brincar com oposições entre o preto e o branco, ou recorrer à pureza das cores primárias.

Nessa fase mais recente, Fiaminghi divide o quadro com listras verticais. Cria entre cada pincelada uma vibração cromática. O resultado tem um efeito cinético. “A vibração da cor nas minhas telas vem de dentro para fora das margens, e vice-versa. Não é a mesma vibração que a gente fazia entre um verde e um vermelho na arte concreta. É uma modulação de ‘corluz’, mais próxima dos impressionistas”, diz Fiaminghi.

Algumas telas caminham abertamente para uma paisagem primaveral festejada pela exuberância das cores. Fiaminghi diz que cada cor tem uma intenção para provocar uma vibração dentro das telas. “A escolha da cor não é aleatória. Cada nuance é conseguida diretamente na tela, através de sobreposições e transparências de cores primárias e secundárias”.

Segundo Fiaminghi, sua pintura está fazendo o caminho inverso dos impressionistas. “Enquanto eles pintavam uma interpretação da paisagem através da ‘corluz’, a ‘corluz’ é a minha pintura”. Fiaminghi diz não ter uma cor predileta, mas reconhece a predominância de azuis.

Controlar o espaço é a questão mais cara desse artista que aprendeu a técnica da têmpera quando trabalhava numa sala ao lado do ateliê de Volpi, no final dos anos 50. Atualmente, as pinturas são quase quadradas – um dado a mais para driblar o olhar. “Esses trabalhos não rompem com o concretismo. O que eu faço aqui é criar uma relação entre a ‘corluz’ e o espectador. Isso, para mim, é um ato concreto”.

Recuperar os sentidos e a intuição foi uma preocupação levantada pelo grupo neoconcreto do Rio de Janeiro, com o qual Fiaminghi diz não sentir “nem simpatia nem antipatia”. Na sua opinião, “o neoconcretismo era descabido porque todos continuavam concretos. Concreto é concreto. Só não concordei com a palavra ‘neo’ para designar uma obra mais nova. Na realidade, Lygia Clark e Helio Oiticica se disseram neoconcretos quando já estavam fazendo uma obra conceitual antes do tempo”.